

Número da fita: 0064
Título: Entrevista com Marilda de Souza e Manoel Moraes
Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00:15	01:26	Filmagem da fazenda Grataú	Sem áudio.	FA		
01:28	02:14	Preparação para entrevista com D. Marilda.	Guilherme dirigindo à disposição das pessoas para filmagem			

02:15	05:00	D. Marilda em plano americano. Ao fundo a Fazenda Grataú.	D. Marilda fala das histórias que seu pai contava sobre Pedro Ramos, dono da Fazenda Grataú no XIX. Conta um “causo” que envolve José de Souza Breves e Pedro Ramos. Nessa história, um escravo de José Breves teria sentado a mesa com ele e Pedro Ramos, causando ira nesse último. Diz também que na Fazenda Grataú tinha tronco, pelourinho, ao contrário da Fazenda Santa Rita, do Breves, que não possuía tronco. Conta também que Pedro Ramos quando acordava de mau humor mandava uma criança escrava subir no pé de coqueiro e aí atirava, para melhorar seu dia.	ME	Muito interessante o contraste entre a memória do senhor bom, face ao sr. mau	
05:01	05:20	Close em D. Marilda	Hebe pergunta sobre as histórias de desembarques de africanos na Fazenda de Santa Rita.			
05:21	07:03	Close e plano americano, ao fundo a fazenda Grataú.	D. Marilda fala dos pontos de engordas de escravos vindos do tráfico, na Marambaia e em Ilha Grande. Diz que pensou em fazer um levantamento nesses lugares para ver se encontraria parentes. Fala de também de Mambucaba e de uma história que seu pai contava sobre um navio negreiro que havia afundado.	MT		

07:06	11:04	Idem	Conta uma história que seu pai lhe contara que envolvia um escravo enviado por José Breves a São Paulo para lá ser castigado, já que não se castigava escravos em Santa Rita. No desfecho do “causo” o escravo descobre, foge da fazenda paulista, volta ao Bracuí e pede perdão a José Breves, que o perdoa, mas o proíbe de permanecer na sua fazenda.	ME		
11:06	11:22	Idem	Hebe pergunta a D. Marilda sobre que seu pai contava acerca do jongo e sobre a época da escravidão.			
11:23	13:25	Idem	D. Marilda responde que seu pai não gostava muito de jongo, ao contrario da sua mãe, “que botava uma saia rodada e ia pro jongo”. Diz que seu pai contava que antigamente tinha ponto que se colocava que era tão forte, que se colocava um cacho de banana e o cacho “amadurava”. “Tinha ponto muito forte”. “Tinha que saber quando entrar”. “Eu não cheguei a ver isso não, quando minha mãe dançava era mais brincadeira”	JO	Muito interessante o contraste entre os pontos “fortes” da época do cativo e a passagem para um jongo de “brincadeira” na época da sua mãe.	

13:26	15:12	Idem	Canta um ponto: “Aê...Aê...Aê..Aê..Eu vim lá de cima, passei em pilão arcado, melancia, coco verde, mandaram muito recado”. Na época dos seus avos, seu pai contava que os pontos de jongo tinham sempre um sentido. Diz que na época dos escravos se combinava até fuga pelo ponto de jongo. “Mas agora se canta de brincadeira, não tem significado nenhum não”.	JO ME	Idem. Ponto de Jongo muito bonito...	
15:13	16:03	Idem	Martha pergunta o significado de se estar fazendo jongo hoje. D. Marilda responde que é para resgatar a cultura, que foi muito reprimida, por exemplo, pela Igreja Católica. Até para mostrar para as crianças como o povo de antigamente se divertia.	JO		

16:04	18:28	Idem	Hebe pergunta a D. Marilda das outras festas que sua mãe ia, o que teria, se tinha calango.... D. Marilda responde que sim, conta dos bailes, das festas da Igreja e retoma o calango dizendo: “mas o pessoal gostava muito mesmo e de um tal de Calango, que é tipo um desafio, um, um cara com a sanfona, pandeiro, e dois de um lado cantando...” Fala das quadrilhas, como uma cultura do branco.	CA	Descreve a estrutura do Calango.	
18:29	20:55	Idem.	Hebe pergunta se na mesma festa do calango, tinha o jongo. D. Marilda responde que enquanto na sala acontecia o calango, no quintal se fazia o jongo. Diz também que o Jongo era mais comum na festa de Santa Rita e São José, enquanto o calango era muito mais comum. Na época da sua mãe, diz que o sanfoneiro era o Pedro Silva, que inclusive fazia Reis.	JO CA FR		

20:56	23:59	Idem	Conta um pouco sobre o “Reis”, diz que sua mãe também cantava Reis. Fala que lá no Bracuí não tinha palhaço. Seu pai contava que tinha duas folias, a de São José e de Santa Rita, quando elas se encontravam ficavam “trovando até uma turma desistir; amanhecia o dia, podia anoitecer, eles tavam ali.”	FR	O desafio presente nas três manifestações: Jongo, Calango e Folia.	
24:00	28:42		D. Marilda diz que as mulheres também colocavam ponto. “também paravam o tambor e botavam ponto.; só as crianças que não podiam fazer nada”. Novamente, fala do cerceamento da Igreja e da bandeira do divino. Depois fala dos blocos de carnaval, no Bracuí. Canta uma marchinha sobre o Saci-Pererê. Canta um ponto de calango: “saracura não tem dente corta cana pra chupar, no meio do canaviá”. Diz que o calango era uma seqüência e ela só lembra dos pedaços, “era uma desafio que ia pela noite toda”.	JO CA		
28:43	29:38	360° em torno da D. Marilda, ao fundo a fazenda Gratau	Sem áudio.			

29:40	32:50	S. S. Manoel Moraes. Plano americano e close. Ao fundo a Igreja São José no Bracui.	S. S. Manoel conta a história do cemitério de escravos criado na época de José Breves. Diz também que era um cemitério so para o pessoal da fazenda, um cemitério particular que a prefeitura não se envolvia ate recentemente.			
32:51	36:13	Idem	Hebe pergunta sobre o desembarque de africanos... S. Manoel responde apontando a estrada que dá no Porto Guimarães, onde os escravos desembarcavam. Seria um ponto de “embarque e desembarque do comendador Souza Breves; essa aqui é a estrada que seguia para cima.” . Diz que ali também era próximo a um ponto de engorda de africanos recém-chegados.” Conta novamente o caso de um navio negreiro perseguido que afundou próximo a Ilha Cunhambebe, num local conhecido como barco. Diz a Slenes que já mergulharam nesse local e encontraram algumas ferragens.	MT		

36:15	38:43	Entrada do S. Manoel na igreja com os pesquisadores.	Responde a Martha sobre a estrada que sai em Bananal e apresenta a Igreja.		Imagem muito bonita do sr. S. Manoel se benzendo no entrar na Igreja. Fala do cruzeiro. Diz que a Igreja foi construída em óleo de baleia.	
38:44	43:13	S. Manoel em plano americano, sentado na entrada da Igreja. Ao fundo os bancos e o altar da igreja de São José.	Hebe pede para que S. Manoel contasse as histórias da fazenda no tempo da escravidão. Diz que seu pai não foi escravo”, mas o avô sim. O seu bisavô trabalhava em São Paulo como marceneiro de engenho de cana, ao que parece antes de ir para o Bracuí. Começa a contar uma história envolvendo seu bisavô, Antonio Joaquim da Silva, semelhante a contada por D. Marilda no tempo 07:06 a 11:04	ME		

Legenda dos temas	Equipe de decupagem
Jongo – JO Memória do tráfico – MT Quilombo – QL Calango – CA Memória da África – MA Memória da escravidão – ME Folia de Reis – FR Campesinato Negro – CN Fazendas – FA	Camila Marques Camila Mendonça Edmilson Santos Eric Brasil Luana Oliveira Luciana Leonardo Matheus Serva Thiago Campos